



Impactos de veículos de Comunicação de Massa numa Reserva Extrativista no Estado do Acre¹

Francisco de Moura Pinheiro

Universidade Federal do Acre

Resumo

Este trabalho aborda os impactos de veículos de comunicação de massa numa Reserva Extrativista (“Chico Mendes”) no Estado do Acre. Trata-se de uma abordagem comparativo/exploratória, tendo como base prática a convivência com os povos da floresta acreana e como base teórica a hipótese do *Agenda Setting*. Entre os principais objetivos, os de proceder um levantamento/mapeamento da incidência dos veículos de comunicação demassa na “Reserva” e identificar como se dá e qual o tipo de penetração da mídia dita de massa numa comunidade ainda totalmente alheia aos modernos recursos tecnológicos a serviço da comunicação no mundo contemporâneo.

1. Preâmbulo – Representações e mitos

Dispostos no espaço sideral em vários planos de distância, satélites equipados com moderníssimos sistemas óticos servem de espelho para uma Terra já não tão azul assim. E dessa forma, o planeta pode, de modo quase ilimitado, contemplar as múltiplas representações de si mesmo. É o milagre da tecnologia de uma época que deverá se notabilizar pelo desvendamento, pelo desnudamento, pela impossibilidade da manutenção e/ou criação de estratégias que possam sacralizar doutrinas e/ou dogmas falaciosos.

Apesar desses fatos reais e, provavelmente, irreversíveis, entretanto, ainda há muita utopia no que se pensa e no que se diz sobre inúmeros aspectos do conhecimento humano. Da Amazônia, por exemplo, não são poucos os que ainda a vêem com olhos semelhantes aos dos povos do século XVI, quando se pensava que na região se escondiam deslumbramentos, exotismos e maravilhas irreais. A Amazônia, sob esse prisma, se transformou no signo de uma fantasia sediada na natureza. E, como tal, muitos dos discursos sobre a região, até hoje, expressam a ilusão de um outro mundo.

Neide Gondim, professora de Teoria da Literatura na Universidade do Amazonas, situa o início dessa concepção mágica sobre a região afirmando que a Amazônia não foi descoberta, nem muito menos construída. De verdade, é a partir da construção da Índia, abricada pela historiografia greco-romana, pelo relato dos peregrinos, missionários, viajantes e comerciantes, que se dá a invenção da Amazônia.

Neste sentido de invencionices sobre a região amazônica, para fins de melhor exemplificação do enunciado no parágrafo anterior, creio que vale a pena apropriar-se

¹ Trabalho apresentado no NP06 – Núcleo de Pesquisa Mídia Sonora, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, 04 e 05. setembro.2002.



mais um pouco do pensamento e do relato da professora amazonense, transcrevendo trecho do livro *A Invenção da Amazônia* (Ed. Marco Zero, 1994).

“(...) Nesse bojo, inclui-se, ainda, a mitologia indiana que, a par de uma natureza variada, elicia e apavora os homens medievais. A tal conjunto de maravilhas anexam-se monstruosidades animais e corporais, incluídas tão somente enquanto oposição ao homem considerado como adamita normal e habitante de um mundo delimitado por fronteiras orientadas por tradições religiosas.

“A primeira viagem ao Novo Mundo fez-se acompanhar por esse imaginário e influenciou a visão do europeu sobre aquelas terras jamais vistas. A descoberta de terras que completavam as secularmente conhecidas originou tensões que acarretaram especulações, as quais, aos poucos, vão sendo glutinadas em temas que se cristalizam em torno de uma expressão: a raça humana. Motivo de enormes controvérsias, essa expressão acompanha os séculos, oriundas constroem-se ciências, especula-se a natureza para atingi-la, aceitá-la ou refutá-la a partir do prisma da sociedade que conheciam, ou seja, a dos próprios questionadores, atitude que origina nova visão desfocada.

“Pressionados por adversidades comuns à época, os homens sonham encontrar o Paraíso e a fonte da eterna juventude. A tradição religiosa dizia que um grande rio nascia naquele local aprazível, cujas águas encobriam riquezas, e não muito longe, uma fonte convidava para a total supressão dos males sociais, onde a fome, as doenças e as pestes continuamente dizimavam respeitáveis contingentes humanos. Esse local foi encontrado pelos expedicionários de Orellana e se localizava na região amazônica. Sucessivamente visitada, principalmente depois de liberada a navegabilidade do rio Amazonas pelo governo português, para aquela região composta de enormes rios e florestas compactas, dirigem-se as atenções e erigem-se verdades, confirmam-se hipóteses. Como justificar a presença de animais pequenos em meio a tão prodigiosa natureza, se na África esturricada animais gigantes ali tinham o seu habitat? Possivelmente havia gigantes entre o intricado vegetal; não havia, outrossim, homens com rabo? E as mulheres brancas, altas e guerreiras não guardavam a prodigiosa cidade de ouro, próxima a um lago dourado, donde se banhava um rei muito rico? Certamente, o clima deveria ser o responsável pelos atos bestiais, endurecimento do caráter e envelhecimento precoce do autóctone. Essas perguntas geralmente acompanhavam os viajantes, e as respostas ora encaixavam-se na vertente infernista, ora na edênica, ou ainda justificavam a catequese”

2. Limites – Calor, umidade e isolamento

Mitologias e metáforas à parte, porém, os limites inicialmente estabelecidos para o que seria a Amazônia portuguesa surgiram pela divisão do mundo de pólo a pólo, através de um meridiano que passava a 100 léguas das ilhas dos Açores e do Cabo Verde. A referência foi mudada depois, em 1494, pelo Tratado de Tordesilhas, para 370 léguas dos Açores. Tudo que ficasse a oeste desse meridiano pertenceria à Espanha, enquanto as coisas que ficassem a leste pertenceriam a Portugal. Um acordo, de verdade, sobre



um mundo presumido, uma vez que nem portugueses nem espanhóis conheciam o espaço físico sobre o qual pretendiam estabelecer os seus domínios.

Atualmente, do ponto de vista meramente geográfico, a Amazônia é uma região situada ao norte da América do Sul, que inclui terras do Brasil, Guianas, Equador, Bolívia, Peru, Colômbia e Venezuela, compreendendo a vigésima parte da superfície da Terra. A hileia, que cobre a maior parte da região, corresponde a 31% das florestas tropicais do planeta; nela vivem cerca de 80 mil espécies vegetais e 30 milhões de espécies animais. Detém um quinto da disponibilidade mundial de água doce; ocupa 40% da floresta brasileira; e abriga três e meio milésimos da população mundial. Caracteriza-se pela sua biodiversidade, que, além da floresta, inclui também matas de várzea, campos e cerrados.

A Amazônia Legal, definida por critérios geodésicos e políticos, inclui 57% do território brasileiro e 65% da Amazônia continental, perfazendo 11.248 Km. de fronteiras internacionais. Compreende os estados do Amapá, Amazonas, Pará, Acre, Rondônia, Roraima, oeste do Maranhão e norte do Mato Grosso, com 5.026.552 Km. e cerca de 18 milhões de habitantes, dos quais mais de 100 mil índios. Encontra-se na Amazônia 50% do potencial hidrelétrico brasileiro disponível para aproveitamento.

As terras que constituem o hoje estado do Acre, um dia palco de acirradas lutas pela sua posse, por parte de Brasil, Bolívia e Peru, possuem características físicas absolutamente singulares em relação às demais regiões do país. Situadas na parte mais ocidental do agora território brasileiro, e tendo como limites os estados do Amazonas (ao norte) e de Rondônia (ao leste) e os países da Bolívia (ao sudoeste) e do Peru (ao sul e oeste), elas eram cobertas primitivamente por uma floresta equatorial úmida e densa, não se encontrando vestígios naturais de campos e cerrados, tão comuns em outras regiões da mesma unidade federativa.

É em função deste exuberante domínio florestal, em que sobressai a árvore produtora do látex, de tronco reto e liso, que se processaram a colonização, a exploração, a conquista e a posterior anexação da região à soberania brasileira. Região esta que fez valer ao Brasil a posição de primeiro produtor de borracha natural. O mesmo látex que até hoje serve como argumento para disputas sangrentas e como base de subsistência para um grande contingente populacional, além de responder por um largo percentual de receita do Estado.

Essa economia extrativa vegetal, predominantemente básica na vida do homem regional, foi completada, em sua evolução histórica, pela castanheira, árvore majestosa, que geralmente ocorre em grupamentos mais ou menos densos, cobrindo grandes áreas, os castanhais”. Seu fruto, pelo alto valor nutritivo e delicioso paladar, ofereceu contribuição decisiva tanto na alimentação regional como na sua economia, uma vez que sua considerável aceitação no exterior, principalmente nas regiões de clima frio, permitiu amenizar parcialmente os danos gerados quando do declínio gumífero.

O clima quente e úmido, que valeu à região em certa época o apelido de “Inferno Verde”, é caracterizado por uma temperatura que oscila em torno de 30 graus, apresentando, apenas, variações esporádicas, podendo ocorrer anualmente, de maio a julho, queda de temperatura, resultando num fenômeno regional denominado “friagem”.

As chuvas adquirem grande importância, pois delimitam as duas estações básicas, ou seja, o inverno e o verão regionais. O primeiro período, marcado via de



regra de novembro a abril, é caracterizado pelo aumento da precipitação pluviométrica, permitindo a navegação dos rios e conseqüentemente escoamento da produção acumulada no verão. Este período, em razão da diminuição das chuvas, torna-se propício ao extrativismo gumífero, concentrando-se nesta tarefa fundamental toda a força humana disponível.

A continuidade da vida regional, até anos atrás, dependia exclusivamente do equilíbrio das duas estações, uma vez que no período do verão, quando os rios secavam, impedindo a navegação, não haviam estradas para escoar a produção. Hoje o transporte dos produtos alterna-se entre os leitos dos rios cheios e as ainda reduzidas e precárias estradas de terra que ligam as principais cidades do estado.

A riqueza hidrográfica é uma verdade absoluta em toda a Amazônia, gerando uma estreita interligação e dependência dessas terras aos rios e aos seus regimes. Em relação ao Acre, a hidrografia é marcada, basicamente pelos afluentes da margem direita do rio Amazonas, os rios Juruá e Purus, e completada pelo afluente deste último, o rio Acre.

Por essas vias fluviais penetraram, no século passado, os exploradores e os conquistadores a região. O fato de ser uma extensa planície, cortada inteiramente por imensos caudais, tornou facilitada a integração do território acreano com as cidades de Belém e Manaus. Poder-se-ia mesmo dizer que os rios, navegáveis durante boa parte do ano, propiciaram uma espécie de ligação entre os dois extremos.

Numa época em que ainda não havia ligação asfáltica com o resto do país, via BR-364, uma imagem impressionista criada pela professora Cleusa Damo Rancy, então pertencente aos quadros da Universidade Federal do Acre, sintetizou bem o que era a região acreana: “planície, rios, florestas, seringueira, castanheira, calor e umidade, situada num extremo em que a distância e a fraca densidade populacional acentuam a sensação de isolamento”.

3. Densidade demográfica e economia extrativista

Duas características principais se mantêm vivas na Amazônia brasileira, desde o período colonial: a reduzida densidade demográfica, que materializa enormes vazios na exuberância da selva; e a economia extrativista, que em determinados momentos da história colocou o Brasil no centro das atenções e do interesse internacionais, em face ao imenso volume de exportação das suas matérias-primas.

A persistência da segunda característica, entendo, decorre da continuidade, guardadas as devidas proporções, de um modelo mantido desde que se iniciou a exploração da região. O modelo de aplicação e expansão de capitais que determina a coleta de matérias em estado bruto, para envio a um centro industrial, com intuito de processá-las e distribuí-las para o mundo (inclusive para o próprio local de origem) a preços muito maiores.

A primeira característica, pode-se dizer, decorre da Segunda, uma vez que as espécies vegetais utilizadas na sua forma mais primitiva devem ser colhidas onde a natureza as colocou. Ou seja, levando-se em conta que o povoamento da Amazônia aconteceu de acordo com o extrativismo e, levando-se em conta ainda que os produtos



explorados não se encontram todos num único local, então, é claro, os aglomerados populacionais formaram-se dispersamente. É interessante frisar, nesse aspecto, a ocupação linear ocorrida às margens dos rios. Uma estratégia essencial para facilitar a comunicação e o transporte dos produtos para os grandes centros urbanos.

Por todo o período colonial, e durante a maior parte do século XIX, a Amazônia brasileira esteve estreitamente ligada ao mercado externo através da exploração do cravo, da canela, do cacau, da salsa-parrilha e da madeira. Uma exploração essencialmente extrativa, que não permitia a fixação de povoadamentos mais efetivos, nem o desenvolvimento de atividades de subsistência, pois o fato de determinado produto, em determinada área, atingir o seu limite, fazia com que as populações se deslocassem para um outro local da floresta, então aberta a todos.

A borracha somente surgiu como grande matéria de exportação da Amazônia em meados do século XIX, após a desvalorização no mercado internacional dos produtos acima citados.

Foi essa atividade extrativa na Amazônia que levou, no início do século XIX, os brasileiros a conquistar o espaço hoje formador das terras acreanas.

4. Reservas Extrativistas – Sinais de resistência

As Reservas Extrativistas são um componente maior da luta pelo benefício da reforma agrária na região amazônica, com o intuito de dar um fim definitivo aos conflitos rurais pela posse da terra, no que diz respeito, especificamente, a questão dos seringais. O modelo surge como uma contraposição dos seringueiros à vinculação escravista como seringalistas-patrões e aos novos processos de desenvolvimento, que pressupunham a devastação da floresta.

A luta pela criação de Reservas Extrativistas foi encabeçada pelo movimento seringueiro. Mas, para que não se entenda esse movimento como simples xenofobia ou insurreição aos novos modelos de desenvolvimento propostos pelo aparato estatal, faz-se necessário ressaltar três elementos motivadores de extrema pertinência: o ecológico, o econômico e o sócio-cultural. O ecológico, porque sem a floresta não poderia haver extrativismo; o econômico, porque permanecer na terra significava um meio de garantir a própria subsistência; e o sócio-cultural, porque a resistência também garantia o direito de continuar sendo extrativista. Ele, o seringueiro acreano, tinha consciência que a outra alternativa poderia empurrar seus filhos para a marginalidade e suas filhas para a prostituição dos centros urbanos.

Dessa forma é que em outubro de 1985, com o apoio do Instituto Nacional de Estudos Sócioeconômicos (INESC), do Pró-Memória do Ministério da Cultura e do OXFAM (entidade não governamental inglesa de apoio a projetos sociais no Terceiro Mundo) foi realizado o “1º Encontro Nacional de Seringueiros”. Nesse “1º Encontro”, após a criação do “Conselho Nacional de Seringueiros”, é que surgiu a proposta de criação das Reservas Extrativistas, que seria, segundo as deliberações do plenário, em síntese, a alternativa econômica e ecológica para justificar a luta contra o desmatamento na Amazônia”.



Esse passo, para o movimento seringueiro, representava a superação de uma fase anterior, baseada em negociações e orientada pela Confederação dos Trabalhadores na Agricultura (CONTAG). Uma fase que se apoiava em antigas, e nunca satisfatoriamente atingidas, reivindicações de Reforma Agrária, via solução negociada com os fazendeiros. A idéia, até então, era forçar indenizações ou acordos de trocas de “colocação por uma parcela de terra e/ou dinheiro, para que fossem equacionados os conflitos. Era uma alternativa de “Reforma”, baseada no “Estatuto da Terra”, que já não correspondia aos anseios dos seringueiros.

Após 1985, o próximo passo no sentido da consolidação do atual modelo de desenvolvimento sustentável da floresta amazônica, de modo geral, e na região acreana, de forma peculiar, acontece dois anos depois, quando o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA) começa a discutir o “Projeto de Assentamentos Extrativistas”. De 1987 a 1989, dentro da sua concepção de “assentamentos extrativistas”, o INCRA criou dez áreas, num total de 889.548 hectares e beneficiando 2.924 famílias. No Estado do Acre quatro projetos foram criados: “São Luís do Remanso”, em Rio Branco; “Santa Quitéria”, em Brasiléia; “Macauã”, em Sena Madureira; e “Cachoeira”, em Xapuri.

Ainda não era, porém, o que almejava o Conselho Nacional de Seringueiros, uma vez que para estes, “o conceito de Reserva Extrativista é totalmente diferente da forma concebida pelo Governo de Projetos de Assentamentos Extrativistas que, mesmo que criados sob influência do movimento, têm administração do INCRA, titulação da terra, pressupõem divisão em lotes, etc.”.

Finalmente chega 1990, quando o Governo, através do Decreto 98.897, de 30 de janeiro, materializa a idéia levada a público pelos seringueiros cinco anos antes, quando do seu primeiro encontro nacional. O Decreto governamental criava, sob responsabilidade do Instituto do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (IBAMA) quatro “Reservas Extrativistas”: Rio Ouro Preto, em Rondônia; Rio Cajari, no Amapá; Alto Juruá, no Acre; e Chico Mendes, também no Acre. Em 1992, mais cinco “Reservas Extrativistas” foram criadas: Pirajubaé, em Santa Catarina; Extremo Norte do Estado do Tocantins, no Tocantins; Ciríaco, Mata Grande e Quilombo do Flexal, todas no Maranhão.

5. Pontos de partida da pesquisa

Foi nesse macro contexto regional, especificamente na “Reserva Extrativista Chico Mendes” (área total de 970.570 hectares), abrangendo parte das terras de quatro municípios acreanos (Xapuri, Brasiléia, Sena Madureira e Assis Brasil) que foi desenvolvida a pesquisa sobre os impactos dos veículos de comunicação de massa.

Três foram os principais pontos de partida em busca de resultados: um levantamento histórico-social-antropológico do processo de povoamento da região; um levantamento/mapeamento da incidência dos veículos de comunicação de massa que atingem a área da “Reserva Extrativista Chico Mendes”; e a investigação do que os



habitantes do local pensavam a respeito desses veículos (se são portadores de mais benefícios ou malefícios; se gostariam de ser usuários de outros veículos; como eles gostariam que esses veículos funcionassem ou que tipo de serviço prestassem).

6. Veículo único: o rádio (referencial teórico)

Constatada a incidência isolada de um único veículo de comunicação de massa, definimos como fundamentação teórica a *Hipótese do Agenda Setting*. A nossa compreensão foi a de que nesse tipo de pesquisa a “Hipótese” aparecia como a melhor das ferramentas para nos dar as respostas que almejávamos.

A *Hipótese do Agenda Setting* (que pode ser traduzida na expressão “uma imposição sobre o que falar”) baseia-se no postulado genérico de que as pessoas agendam seus assuntos e suas conversas em função das informações veiculadas pela mídia.

Trata-se de uma das formas possíveis de incidência da mídia sobre o público. É um tipo de efeito social da mídia. Os temas sobre os quais o público fala e discute seriam determinados pela seleção, disposição e incidência das informações veiculadas pela mídia.

A idéia funcionaria, mais ou menos, como uma espécie de bloqueio de informações imposto pela mídia, em privilégio de outras informações previamente selecionadas. Desta forma, ao tomarmos conhecimento de algo como “o que aconteceu” (“a verdade é o seguinte...”), somos impedidos de tomar conhecimento de outros temas. Se não tomamos conhecimento, não podemos comentá-los. Ao decretar o desconhecimento de determinados temas por parte da sociedade, a mídia os condena (os temas) à inexistência social. Assim, por ser o único tema comum aos agentes sociais em comunicação, o que a mídia oferece acaba tendo uma maior incidência nas comunicações interpessoais.

*“(...) em consequência da ação dos jornais, da televisão e dos outros meios de informação, o público sabe ou ignora, presta atenção ou descarta, realça ou negligencia elementos específicos dos cenários públicos. As pessoas têm tendência para incluir ou excluir dos seus próprios conhecimentos aquilo que os **mass media** incluem ou excluem do seu próprio conteúdo. Além disso, o público tende a atribuir àquilo que esse conteúdo inclui uma importância que reflete de perto a ênfase atribuída pelos **mass media** aos acontecimentos, aos problemas, às pessoas”.* (Mauro Wolf, citando E. Shaw).

É importante destacar que, historicamente, não há precisão do momento exato em que foi citada num trabalho científico a *Hipótese do Agenda Setting*. McCombs e Shaw é que trouxeram a “hipótese”, em definitivo, para a seara científica, em 1972. Cinquenta anos antes, porém, Walter Lippman, no livro *Public Opinion*, já houvera destacado o papel da imprensa no enquadramento da atenção dos leitores em direção a temas por ela impostos com o de “maior interesse coletivo”.



No capítulo introdutório de *Public Opinion*, Lippman se refere ao modo pelo qual as pessoas chegam a conhecer o mundo exterior a sua própria existência, como formam as “imagens em suas mentes” sobre o mundo e as pessoas que nele habitam. Para Lippman, os meios de difusão modelam essas imagens ao selecionar e organizar símbolos de um mundo real, que é por demais amplo e complexo para um conhecimento direto. “Nem todos os repórteres do mundo, trabalhando todas as horas do dia, poderiam dar conta de todos os acontecimentos”.

7. Ferramenta principal da pesquisa – Entrevistas

A amostragem qualitativa, através de entrevistas com habitantes da “Reserva Extrativista Chico Mendes” (seringais “Independência”, “Dois Irmãos e São Pedro”). Foram as entrevistas, das quais vamos transcrever alguns trechos neste tópico, que deram os elementos para a formulação do argumento principal desse trabalho.

Antes, porém, de passar aos trechos das entrevistas, cremos que se fazem necessários alguns esclarecimentos.

Primeiro: a comunidade moradora da “Reserva Extrativista Chico Mendes” (assim como todas as comunidades de seringueiros do Acre) ainda vive em condições muito semelhantes às que viviam famílias no começo do século, cercada pela densidade inóspita da selva amazônica.

Segundo: mesmo nos seringais mais próximos dos centros urbanos há uma dificuldade enorme de acesso (fomos obrigados a andar de Toyota; barco rústico, movido a motor de popa; e a longas caminhadas). As estradas são alternadamente lamacentas ou empoeiradas (conforme a época do ano). Os rios são barrentos e caudalosos ou viram um pequeno curso d’água, praticamente inadequados para a navegação (também conforme a época do ano). Os varadouros (quase indistinguíveis caminhos no meio do mato) podem trazer de surpresa, em cada uma das inúmeras curvas uma serpente pronta para desferir seu bote ou, na melhor das hipóteses, galhos de espinhos caídos, prontos para rasgar o peito do invasor.

Terceiro: ainda se passará muito tempo, dada a nenhuma previsibilidade do advento da energia elétrica, até que um rádio deixe de ser a única forma de comunicação daquelas criaturas com o mundo. Sob esse prisma, faz sentido o *slogan* da Rádio Difusora Acreana, a emissora mais antiga do Estado e matriz de um sistema de radiodifusão público: “A voz das selvas!”.

Quarto: as entrevistas foram gravadas em forma de depoimento, sem, necessariamente, a cadeia pergunta resposta e, conseqüentemente, sem uma condução mais formal do pesquisador. A idéia, aqui, de deixar os entrevistados mais à vontade, foi tentar trazer à luz o pensamento dos seringueiros de uma maneira minimamente poluída, com ínfimos ruídos. Desse modo, cremos, nós tínhamos uma certa possibilidade de não nos tornarmos senhores absolutos do esclarecimento e, assim, fugirmos da armadilha proposta por Theodor Adorno e Max Horkheimer, in “*Dialética do esclarecimento*” (Jorge Zahar Editor, 1997), de que o programa de esclarecimento, no sentidomais amplo



do progresso do pensamento, poderia dissolver os mitos, substituindo a imaginação pelo saber. Desencantando, conseqüentemente, o mundo, e fazendo resplandecer a terra sob o signo de uma calamidade triunfal.

Quinto: além das entrevistas nós procuramos observar se os hábitos dos seringueiros eram concernentes com o seu discurso. Pode-se dizer que esse foi um cuidado simples. Bastando, para isso, após os primeiros contatos e informações, proceder as visitas sempre nos horários dos programas por eles citados.

Sexto: não nos ativemos, durante as entrevistas, a uma conversa sobre o processo de comunicação de massa e o respectivo veículo que chega na área da pesquisa. Inclusive porque as pessoas entrevistadas (bem como as não entrevistadas), desde o momento em que ganham uma certa confiança no interlocutor, demonstram uma enorme necessidade de se fazer ouvir. Como se cada uma pessoa da cidade que se dispusesse a escutar com atenção os seus relatos, pudesse ser um agente multiplicador dos seus anseios e, de alguma forma, tivesse o poder de resolver os seus problemas. Conduzindo as entrevistas de forma mais genérica, nós entendemos que poderíamos deixá-los mais à vontade para, no meio da conversa, puxar deles o esclarecimento que, especificamente, nos interessava.. Sem contar que, ao optar por esse método nós entendermos evitar uma outra armadilha apontada por Adorno e Horkheimer: a de deter-se em conhecimentos parciais, que impedem um casamento feliz do entendimento humano com a natureza das coisas e o acasalam, em vez disso, a conceitos vãos e experimentos erráticos.

8. A palavra dos seringueiros

“Aqui, pra saber o que tá acontecendo pelo mundo, nós temos a Rádio 6 de Agosto. É como as pessoas passam as mensagens para a família. E nessa mesma Rádio 6 de Agosto existe um programa que se chama Natureza Viva, que é de segunda a sábado, das 7:00 às 7:30. Temos também o rádio amador, que passa recado para os moradores. A programação é muito boa. Tem, também, a Rádio Difusora Acreana, onde a gente, quando tá viajando para Rio Branco, passa mensagem para dar notícia para a mulher, para a família e para os amigos. Tem aquele horário certo. A gente vai naquele horário certo e liga o rádio. Televisão não tem. Não tem energia. Só em muito poucas casas, nas casas dos paraflorestais é que tem energia solar. Agora, para mim, outra rádio importante é a Nacional, de Brasília. Um programa dessa rádio, também chamado Natureza Viva, é muito escutado pelo pessoal. Eu não escuto muito freqüentemente porque não tenho tempo. Mas gosto de um programa de extensão rural, do Francisco Maciel. A Rádio Nacional dá pra pegar o dia inteiro”. **Virgílio Padilha dos Santos**, 45 anos).

“Negócio de rádio aqui, o pessoal escuta mais é as mensagens, da Rádio Difusora Acreana e da 6 de Agosto. Embora a 6 de Agosto, pelo menos aqui, nem sempre pega tão bem. Só pega pela parte da manhã. Tem também, muito falada, a Nacional, de Brasília. Um programa chamado Natureza Viva, que manda recados pro pessoal e ensina a fazer algumas coisas. Fora isso, só mesmo, também da Difusora



Acreana, dia de Sábado, o programa do Reginaldo Cordeiro, que manda recado e música pra todo mundo”. (**Francisco Paulo da Silva**, 74 anos).

“As rádios que eu mais escuto aqui é a Difusora Acreana e a 6 de Agosto, a hora das mensagens. Mensagens, todo mundo escuta. A Rádio Nacional, de Brasília. Essas rádios a gente escuta todos os dias. É muito escutado o programa Natureza Viva, da Nacional, de Brasília. Acho que é por causa das coisas que eles ensinam. Eles ensinam como o pessoal tá vivendo na floresta, dão informação de algum preço, da cotação da borracha. Coisas de utilidades. Eles divulgam muita coisa de utilidade nesse programa. Acho que é por isso que o pessoal gosta. Por causa da informação. O pessoal gosta mesmo é de programa que informe as coisas do lugar e que toque música boa. A Rádio 6 de Agosto tem também um programa à noite que manda muito recado para o pessoal dos seringais. Eu, por exemplo, gosto de muito tipo de música. Samba, forró, marcha...”. (**João Batista da Silva**, 40 anos).

“O que eu mais escuto é o Jornal da Manhã, 6:00 horas, na Rádio 6 de Agosto, as mensagens da Difusora Acreana, e o programa da Amorex. As pessoas escutam mais, no caso das mensagens, porque estão sempre esperando que alguém se comunique com elas. E o jornal, que é pra se informar das coisas. A gente nota que o pessoal sente falta da televisão. Muito ouvido, também, é um programa aos sábados, na Difusora, que dá umas dicas sobre questões de saúde, extensão rural. Quanto à música, eu acho que depende do momento. Mas, MPB, eu gosto todas. O seringueiro, de modo geral, quer é informação que diga respeito a ele. Um programa como A Voz do Brasil, que a gente pega aqui pela Rádio Nacional, ninguém escuta. Quando chega a hora, o seringueiro desliga o rádio”. (**José Maria Barbosa de Aquino**, 25 anos).

“Televisão eu de vez em quando assisto quando estou na cidade. Mas não sou muito ligado em novelas. Eu gosto de assistir jornal, esporte, essas coisas. Atualmente eu tô meio desatualizado, porque eu quase não tenho assistido televisão. Aqui no mato não tem. E a última vez que eu fui na cidade, eu ficava mais pescando, na boquinha da noite. E quando eu chegava já tinha passado o jornal. Programa de rádio, a gente escuta a 6 de Agosto, de Xapuri, de manhã, e à noite a Difusora Acreana, e a Nacional, de Brasília, que tem um programa chamado Natureza Viva, às 5:00 da manhã. Esse programa da Nacional, o Natureza Viva, fala muito da Reserva, das reservas do Brasil. Essa daqui, a Reserva Chico Mendes é muito falada. O Dr. Rafael, que é o chefe de todas as reservas, sempre vai ao programa e fala o nome da gente. Ele fala o nosso nome, o Dr. Rafael. Manda carta pra gente. Eu gosto muito de rádio. O meu rádio é a pilha. A Voz do Brasil eu quase não escuto, que é a hora que eu tô no serviço. Se o programa Natureza Viva fosse à noite, era melhor pra gente. Embora quando chegue a noite a Nacional mude de frequência. Aí, a gente, quando é 5:00 horas da manhã, tem muito seringueiro que tá saindo para cortar seringa. Aí a gente perde o programa”. (**José Rosa de Oliveira**, 45 anos).

“Na Reserva, de comunicação, só chega o rádio amador e o rádio mesmo. Como não tem luz, a gente usa pilhas. Os programas que eu mais gosto são os da



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

Difusora Acreana e da Nacional, de Brasília. Aquele programa do Reginaldo, tô até esquecida o nome. Ah, sim, o Carrossel Musical. E o Natureza Viva, bem cedinho. E também as mensagens”. (Raimunda da Silva de Oliveira, 41 anos).

“(…) *Do ponto de vista ideológico, me parece que o rádio pouco influi e dificilmente fará a cabeça daquelas pessoas que estão lá no meio da floresta. No caso da escolha de um candidato, por exemplo. O homem maduro já tem convicção em quem vai votar. E a opinião dele é que prevalece. A consciência política daqueles núcleos familiares quem faz é o patriarca. Dificilmente um filho em idade de votar vai se colocar contra a opinião do pai. Nesse sentido, pra mim, o rádio atua junto aos povos da floresta, essencialmente, como instrumento de utilidade pública, de entretenimento, e de difusão cultural. Apenas isso e nada além disso*”. (José Chalub Leite, Assessor de Comunicação Social do Governo do Acre à época).

9. Natureza, carrossel e mensagens

Um número extremamente alto de emissoras de rádio, principalmente no período noturno (as condições atmosféricas servem de explicação), penetra por entre o labirinto dos varadouros amazônicos. Impossível fazer um levantamento preciso de quantas e quais são essas emissoras. Um exercício interessante para se aferir a profusão e a diversidade das emissões é girar, lentamente, o controle da sintonia (dial) de um aparelho de rádio qualquer (mesmo um de baixa potência) e percorrer uma determinada faixa. A cada pequeno movimento, uma emissora diferente se faz ouvir. Em espanhol, inglês, português ou, às vezes até, numa língua não identificada. São tantas que, não raro, uma se sobrepõe à outra.

Nos depoimentos colhidos ao longo da nossa pesquisa foram citadas pelo menos onze dessas emissoras: Rádio Difusora Acreana (Rio Branco – AC), Rádio Nacional (Brasília – DF), Rádio 6 de Agosto (Xapuri – AC), Rádio 3 de Julho (Brasiléia – AC), Rádio Verdes Florestas (Cruzeiro do Sul – AC), Rádio Rio-Mar (Manaus – AM), Rádio Globo (Rio de Janeiro – RJ), Rádio Tupi – SP), Rádio BBC de Londres (Inglaterra), Rádio Voz da América (Estados Unidos) e Rádio Havana (Cuba).

As rádios e respectivos programas citados em quase a totalidade dos depoimentos, no entanto, foram a Difusora Acreana (programas “Carrossel Musical” e “Mensagens”) e a Rádio Nacional (programa “Natureza Viva”). São essas emissoras e esses programas os parceiros lúdicos que fazem parte de forma íntima das vidas das pessoas que gravitam no universo da “Reserva Extrativista Chico Mendes”.



O programa **Natureza Viva** é levado ao ar diariamente, de segunda a sexta-feira, pela Rádio Nacional (Brasília), no horário das 7:30 às 8:00 horas, apresentado pela locutora Mara Régia. Tem como executante a Organização Não Governamental (ONG) WWF (Fundo Mundial para a Natureza), em parceria com a Radiobrás, o Grupo de Trabalho Amazônico (GTA), o Centro de Projetos da Mulher (CEMINA), o Fundo da ONU para as Mulheres (UNIFEM), o Movimento das Mulheres da Amazônia (MMA) e o Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (IBAMA).

O programa **Carrossel Musical** é levado ao ar aos sábados, pela Rádio Difusora Acreana (Rio Branco – AC), apresentado pelo locutor Reginaldo Cordeiro, conhecido pelos ouvintes, não despropositadamente, como “Rei do Brega”. Não há produção, não há roteiro, não há *script* (uma profusão de pequenos papéis para lembretes e umas quantas fichas com os “comerciais” se amontoam na pequena mesa onde se instala o locutor/apresentador). Todos os aspectos do programa são comandados pelo apresentador/locutor, desde a captação dos anúncios até a seleção das músicas (normalmente feita minutos antes do programa entrar no ar) que serão tocadas (a maioria, ainda, com os chiados característicos dos antigos e ultrapassados discos de vinil).

Detalhes: - O programa é feito com a presença de várias pessoas da zona rural que estão de passagem pela cidade; - As pessoas que assim o desejarem mandam seus recados de viva voz.

O programa de **Mensagens** é levado ao ar de segunda-feira a sábado, pela Rádio Difusora Acreana (Rio Branco – AC), no horário das 13:00 às 14:00 horas, apresentado por dois locutores (nem sempre os mesmos), com o nome de **Correspondente Difusora**, onde o usuário paga uma pequena quantia por cada vez que for lido o seu recado. É o programa de maior audiência entre os povos da floresta no Acre (todas as pessoas inquiridas sobre o assunto comunicação o citam como um dos preferidos). Tanto que cada uma das emissoras interioranas que fazem parte do complexo de comunicação radiofônica do Governo do Estado, tem um programa semelhante, em âmbito local, veiculado em horário diferente daquele usado pela emissora da capital.

A respeito das mensagens, pelo menos três curiosidades.

Primeiro: elas fazem tanto parte da vida dos homens (e mulheres) da floresta que, a despeito de mais de uma tentativa, por parte de diversas direções da Rádio Difusora Acreana, **nunca foi possível um absoluto rigor da norma culta no conteúdo delas. Os usuários, para benefício da compreensão do recado, fazem questão da utilização de uma linguagem muito próxima daquela usada no seu respectivo dia a dia.**

Segundo: o aspecto coloquial e popular é tão importante e incorporado ao dia a dia dos usuários, bem como de quem eventualmente (ou por curiosidade) as escuta, que até se contam anedotas (verdadeiras ou não) a partir dos respectivos textos (como no caso de uma mensagem onde o agente emissor manda dizer para uma pessoa que “*o negócio da égua continua em aberto, enquanto o do cavalo já está de pé*”).



Terceiro: mesmo nos círculos intelectuais da Amazônia, embora eu não tenha notícia de estudos lingüísticos formais a respeito do fenômeno, excluindo-se a questão do pitoresco, há uma espécie de respeito pelo formato e pela importância da mensagem radiofônica. A ponto de artistas da palavra a transformarem em ferramenta literária. Como foi o caso da poetisa Francis Mary, num dos textos que compõem o livro “A noite em que a lua caiu no açude”: *“Atenção Maria das Dores/ Colocação Mucuíim/ Na Boca do Jacaré:/ põe pimenta braba/ na comida do patrão,/ arruma as trouxas/ e dá no pé!”*.

Para melhor compreensão do fenômeno nós transcrevemos três dessas mensagens, extraídas de um programa no início do mês de fevereiro de 1998.

Mensagem 1: *“Atenção Manoel Ribeiro da Silva e Artemisa, no seringal Cachoeira, colocação Chora Menino. Jurandir Dionísio avisa que sua mãe foi operada e passa bem, graças a Deus. Aguarde novos avisos, amanhã, nesse mesmo horário. Abraços do pai amigo”*.

Mensagem 2: *“Atenção Neusa, na Estrada de Boca do Acre, ramal 75. Seu irmão, Antônio Gomes pede mandar os meninos apanhá-lo amanhã. O mesmo viaja no ônibus das seis horas. Vai com a Gercina. Abraços”*.

Mensagem 3: *“Atenção Tônico, na colocação Paxiubal. Sua irmã Mundoca pede para vir hoje ou amanhã, a fim de pegar umas encomendas, pois não quer mandar por outras pessoas. Caso não tenha o dinheiro da passagem, peça emprestado. Não é pra faltar. Abraços”*.

10. Na contramão da teoria

Todos os passos, argumentos, explicações e conceitos usados nesse trabalho, resumo de uma dissertação de mestrado apresentada e aprovada em março de 1999 na Universidade de Brasília, convergiram no sentido de sustentar a afirmação de que **a teoria do Agenda Setting não funciona no âmbito da comunidade moradora da Reserva Extrativista Chico Mendes, com o veículo “rádio” tendo o papel único de proporcionar entretenimento e utilidade pública.**

A propósito da Segunda parte da afirmação, aliás, é conveniente lembrar as palavras ditadas pelo raciocínio lúdico de um dos entrevistados, o então Assessor de Comunicação Social do Governo do Estado do Acre, jornalista José Chalub Leite. Ele, apesar de saber da sua responsabilidade em dar, de forma convincente, publicidade aos atos do Governo, principalmente levando em conta o fato de ter um sistema de difusão radiofônica sob seu controle, afirmou literalmente que *“(...) o rádio atua junto aos povos da floresta no Acre, essencialmente, como instrumento de utilidade pública, entretenimento e de difusão cultural. Apenas isso e nada além disso”*..

Mesmo com todos os cuidados tomados antes de fazer a afirmação/tese, sabemos que muitas indagações, questionamentos e dúvidas surgirão. As duas mais evidentes e



que nos ocorreram (angustiar) durante todo o trabalho é que tentaremos responder nas próximas linhas.

Antes, porém, para efeito de melhor entendimento, lembramos que a idéia central do *Agenda Setting* afirma que “*as pessoas agendam seus assuntos e suas conversas em função do que a mídia veicula (...). (...) A mídia, ao nos impor um menu seletivo de informações como sendo ‘o que aconteceu’, impede que outros temas sejam conhecidos e, portanto, comentados*”.

A primeira das indagações, imediatamente proposta pelos mais céticos, deverá ser no que diz respeito ao veículo e a datas, levando em conta a época em que a teoria foi proposta, academicamente, como tal.

Em outras palavras. A hipótese do “*Agenda Setting*” tendo sido apontada por M. McCombs e E. Shaw apenas em 1972, estaria muito mais (ou, até, totalmente) ligada ao veículo televisão. Uma indagação perfeitamente natural, quando se tem consciência que esse é o veículo de maior penetração nas casas do mundo todo; e que, no dia seguinte à veiculação da notícia todas as pessoas têm como seu tema comum, seja contra ou a favor (primordialmente a favor), o objeto de maior ênfase na divulgação.

Nesse caso, a tese estaria invalidada por inaplicabilidade ao veículo.

Nós enveredamos, no entanto, por um prisma diferente, ao entendermos que, embora a teoria tenha surgido apenas em 1972, a idéia do “*Agenda Setting*” é bem anterior. Data do início da década de 1920, quando apenas existiam como veículos de comunicação de massa os jornais impressos e o rádio. Sendo que este último (o rádio) com uma capacidade de abrangência (óbvio) muito maior do que o primeiro (o jornalismo impresso).

Com isso, a nossa afirmação inicial de que a teoria do “*Agenda Setting*” não funciona no âmbito da comunidade moradora na “Reserva Extrativista Chico Mendes” ganha uma outra (secundária, talvez) conotação: a de que essa era uma hipótese perfeitamente aplicável aos primórdios do rádio, quando, de acordo com Melvin L. DeFleur e Sandra Ball-Rokeach, in “*Teorias da Comunicação de Massa*”, (Jorge Zahar Editor, 1997), “*famílias que haviam aparentemente atingido o limite de seus recursos financeiros raspariam o pouco que sobrara para mandar consertar o receptor de rádio quando quebrava. Poderiam Ter de deixar os móveis voltar para a financeira ou embromar o senhorio para atrasar o pagamento do aluguel, mas agarravam-se tenazmente aos seus radinhos*”.

A despeito de ilustração, no que diz respeito a essa questão de datas do surgimento dos veículos, é conveniente destacar que foi apenas em 1939 que começaram a ser realizadas as transmissões de televisão nos Estados Unidos. Foi na “Feira Mundial”, com um discurso do Presidente Franklin Delano Roosevelt. Mesmo assim, essa foi apenas uma demonstração, realizada para um pequeno grupo porque os fabricantes ainda não haviam iniciado a produção em massa. Apenas em 1941 é que foi aprovada a televisão doméstica, e a indústria da comunicação começou a preparar planos minuciosos para sua implantação.

A idéia da teoria, portanto, foi proposta por Walter Lippman, ainda no correr dos anos da década de 1920, bem antes do advento da televisão.

Um segundo questionamento (ou indagação) capaz de, em princípio, descaracterizar a afirmação/tese seria o de que no mundo moderno o rádio não teria



mais o poder, em lugar algum, dada a emergência das novas tecnologias, de atuar como definidor de ordens e preferências temáticas. Nem mesmo numa comunidade rural, posto o caráter urbano da sua programação.

As diversas leituras dos mais variados manuais modernos de comunicação conduzem qualquer um a esse raciocínio. Valemo-nos, aqui, de uma dessas leituras, para, transitando na contramão, respaldar o nosso argumento.

Trata-se de um trecho da introdução do livro *Planeta Mídia* (Letra Livre, 1998), o professor Dênis de Moraes, que diz o seguinte: “(...) *A incontrolável aceleração tecnológica põe em xeque o que conhecemos por vida social. Circuitos infoeletrônicos e imagens geradas por satélites comprimem a imensidão da Terra; a explosão digital introduz usos compartilhados e interatividades; as informações, mal chegaram, já estão de partida, porque o tempo real se esvanece e se restaura sem direito a intervalos. O que me faz lembrar do que Marshall McLuhan escreveu no estranhamente próximo ano de 1964: O mundo todo, passado e presente, agora se desvenda aos nossos olhos como uma planta a crescer num filme extraordinariamente acelerado’. Tudo ganha sabor de penúltima invenção – pois qual será a última? No dia em que terminei de escrever este texto, ainda se postavam no grid de largada das mídias on line, a televisão de alta definição, o acesso à Internet por cable modems, o Web de TV, os portal sites, os cinemas multiplex, a telefonia celular via satélite, os shoppings de diversão virtual, o DVD (Digital Video Disc) com capacidade para estocar até 12 gigabytes, 200 canais de televisão por assinatura, as ciberrádios, as megastores, os palm-tops...*”.

Essa é uma leitura citada como exemplo dos modelos contemporâneos e respectivos pensamentos a respeito do fenômeno comunicacional. Respalda (na contramão, como eu disse anteriormente) o meu argumento porque os modelos não valem para o mundo dos homens (e mulheres) da floresta acreana, que vivem em condições semi-primitivas, tendo um receptor de rádio como sua única janela para o mundo, no que diz respeito à comunicação de massa.

O rádio (veículo), então, está para aquelas pessoas como estava para os americanos (brasileiros, também) das décadas de 1920 e 1930, e assim como a televisão está para as comunidades urbanas ainda hoje. Fato que daria a este (ao rádio) a condição primária para, caso a hipótese do *Agenda Setting* funcionasse, atuar como definidor de ordens de preferências temáticas.

Ou seja, não importa quantos satélites de comunicação ou quantas novas invenções surgiram após o texto de Dênis de Moraes, ou estejam surgindo nesse momento. Para as pessoas do interior da floresta acreana o mundo gira num outro contexto. E o rádio continua tão (talvez mais, até, dada a preocupação atual de se colocar no ar programas específicos que atendam aquelas pessoas) importante quanto era há setenta anos.

Por último, duas observações que não nos ocorreram como provável questionamento ou eventual indagação, mas como constatação. Ambas, entendemos, capazes de dar um maior respaldo a nossa afirmação/tese.

Uma: a de que a comunidade pesquisada, beneficiária da informação, ao invés de engolir esôfago abaixo o que o aparato da mídia lhe impõe, muda o eixo convencional e, de forma tácita e à distância, atua diretamente na formatação do que quer consumir. Tanto que, no caso da radiofonia acreana, a história registra mais de uma tentativas



frustradas dos programadores de modificar o vocabulário usado na emissão do programa de mensagens (**Correspondente Difusora**).

Outra: a de que as pessoas entrevistadas não demonstraram nenhum receio de expressar as suas opiniões (não esquecendo que era um desconhecido que as entrevistava), quase que unanimemente contrárias às políticas e ações governamentais (poder mantenedor das emissoras citadas).

Creemos que essa última constatação é fundamental para a afirmação de que *o rádio atua na floresta acreana como veículo absoluto de entretenimento e utilidade pública*. Fosse de outra forma, como influenciador direto dos temas das conversas das pessoas, se teria, pelo menos, na melhor das hipóteses, em sentido contrário ao *Agenda Setting*, o que a professora alemã Elisabeth Noelle Neumann convencionou chamar de *Espiral do Silêncio* (o medo que os agentes sociais teriam de se encontrar isolados em seus comportamentos, atitudes e opiniões, e que os levaria a silenciar quando o seu pensamento não coincidissem com a opinião dominante). E, a julgar pelas opiniões expressas nas entrevistas (a um desconhecido) isso não acontece.

Duas são as missões do rádio na floresta acreana: proporcionar o entretenimento e proporcionar a utilidade pública.

11. Referências Bibliográficas

ADORNO, Theodor e HORKHEIMER, Max. *Dialética do esclarecimento*.

Rio de Janeiro : Jorge Zahar, 1997.

BARROS FILHO, Clóvis de. *Ética na Comunicação – da informação ao Receptor*. São Paulo : Moderna, 1995.

COSTA FILHO, Orlando Sabino. *Reserva Extrativista: desenvolvimento Sustentável e qualidade de vida*. Dissertação de mestrado. Belo Horizonte : Cedeplar /UFMG, 1995.

DEFLEUR, Melvin L. e BALL-ROKEACH, Sandra. *Teorias da Comunicação de Massa*. Rio de Janeiro : Jorge Zahar, 1993.

GONDIM, Neide. *A invenção da Amazônia*. São Paulo : Marco Zero, 1994.

MARTINELLO, Pedro. *A “Batalha da Borracha” na Segunda Guerra Mundial e suas Consequências para o Vale Amazônico*. Rio Branco : UFAC, 1998.

MARY, Francis. *A noite em que a lua caiu no açude*. Rio Branco : Bobgraf, 1997.

MORAES, Dênis de. *Planeta Mídia – Tendências da Comunicação na era global*. Campo Grande : Letra Livre, 1998.

RANCY, Cleusa Damo. *Raízes do Acre (1870-1912)*. Rio Branco : Falangola, 1986.

SANTAELLA, Lúcia. *Cultura das mídias*. São Paulo : Experimento, 1996.



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

WOLF, Mauro. *Teorias da Comunicação*. Lisboa : Editorial Presença, 1987.